



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

Female to Me
PROCESSO DE CRIAÇÃO E REALIZAÇÃO DE CURTA-METRAGEM
DOCUMENTÁRIO

Calí dos Anjos Borges Campos

Rio de Janeiro/ UFRJ

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

Female to Me

Calí dos Anjos Borges Campos

Relatório técnico apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientadora: Prof. Dr^a Consuelo da Luz Lins

Rio de Janeiro/ UFRJ

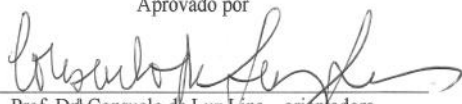
2016

Female to Me

Calí dos Anjos Borges Campos

Trabalho apresentado à Coordenação
de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para a obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social, habilitação Radialismo.

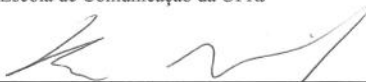
Aprovado por



Prof. Drª Consuelo da Luz Lins – orientadora
Escola de Comunicação da UFRJ



Prof. Drª Guiomar Ramos
Escola de Comunicação da UFRJ



Prof. Drª Katia Maciel
Escola de Comunicação da UFRJ

Aprovada em:

Grau:

Rio de Janeiro/UFRJ
2016

CAMPOS, Calí dos Anjos Borges.

Female to me/ Calí dos Anjos Borges Campos – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2016.
41 f.

Relatório técnico (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,

Escola de Comunicação, 2016.

Orientação: Consuelo da Luz Lins

1. Filme-ensaio. 2. Documentário. I. LINS, Consuelo da Luz (orientadora) II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. Female to me

Às todas as travestis que morrem diariamente.
Aos todos homens trans que são invisibilizados.
À toda pessoa que tem medo do sexo “atestado” no RG.
À toda pessoa não binári que é sequer reconhecida.
À todo corpo que disside.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à toda pessoa trans que se expõe todos os dias na internet empoderando o grupo, sem vocês eu não teria conseguido passar por tudo que passei.

À minha família, que bancou minha estadia no Rio de Janeiro para completar a faculdade e me ajuda em todos os meus processos.

Aos meus amigos, que me apoiam, independentemente.

À Luiza Gullino, que me ajudou a ver e rever o curta metragem.

E também à Consuelo Lins, pela orientação.

Muito obrigado a todes!

DOS ANJOS, Calí. *Female to Me*. Orientadora: Consuelo Lins. Rio de Janeiro, 2016. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

Este relatório compreende a descrição de todo o processo de realização do filme *Female to Me*, desde sua concepção até a fase de montagem. O filme é um curta-metragem documentário que usa imagens de arquivos contidas no *YouTube* para narrar quatro histórias de personagens transmasculinos. O filme pretende apresentar e discutir diferentes tipos de vidas trans.

Palavras chave: FTM, transmasculinidades, transgênero, testosterona;

ABSTRACT

This report includes the description of the entire process of making the short film *Female to Me* its conception to the phase of editing. The short film is a documentary that uses archive images from *YouTube* in order to narrate four stories of transmasculine characters. The film intend to show and discuss different types of trans lives.

Keywords: FTM, transmasculinity, transgender, testosterone

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
1.1 Contexto do trabalho.....	12
1.2 Objetivo.....	13
1.3 Justificativa de Relevância.....	14
1.4 Organização do Relatório.....	15
1.5 O processo de pesquisa.....	15
2. Pré-produção.....	16
2.1 Concepção da Obra.....	16
2.2 Público-alvo.....	16
2.3 Infraestrutura.....	17
2.4 Orçamento e fontes de financiamento.....	17
2.5 Planejamento e Organização de Montagem.....	18
2.6 Definição da Equipe Técnica.....	18
2.7 Definição dos Personagens.....	18
3. Fase de produção.....	21
3.1 Produção.....	21
4. Pós-produção	21
4.1 Montagem e Direção.....	21
4.2 Desenho de Som e Colorização.....	22
4.3 Distribuição e Exibição.....	22
5. Considerações Finais	22
Referências.....	23

Todos nós somos muito cedo na vida automaticamente colocados na caixa rosa ou na caixa azul antes mesmo de nascermos - até pessoas intersexuais que, mesmo dentro da lógica médica, são tidas como não-homens e não-mulheres. A partir de então, grande parte das nossas experiências são pautadas por essa imposição. Passamos a acreditar cegamente que somos do gênero imposto. Nos vestimos, nos olhamos, nos amamos, fazemos todas os nossos pequenos e grandes rituais cotidianos da forma que a sociedade espera que pessoas designadas naquele sexo o façam. Como afirma Paul Preciado,

O gênero não é simplesmente performativo (isto é, um efeito de práticas linguístico- discursivas) como desejaria Judith Butler. O gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. (...) Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre imitado e o imitador, entre a verdade e a representação de verdade, entre referencia e o referente, entre a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas do sexo. O gênero poderia resultar em uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais. É esse mecanismo de produção sexo-prostético que confere aos gêneros feminino e masculino seu caráter sexual-real-natural. Mas, como para toda máquina, a falha é constitutiva da máquina heterossexual. Dado que aquilo que se invoca como “real masculino” e “real feminino” não existe, toda aproximação imperfeita deve se renaturalizar em benefício do sistema e todo acidente sistemático (homossexualidade, bissexualidade, transsexualidade) deve operar como exceção perversa que confirma a regra da natureza.¹

Assim, seguindo a lógica de Paul Preciado, pessoas transgêneras são tidas como acidentes das máquina cissexual,² da máquina binarista de gênero. Fogem do “real

¹ Versão em língua portuguesa originalmente publicado em: PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Original publicado em 2002. PRECIADO, Beatriz. Madrid. Opera Prima. 2002. Disponível em: <http://migre.me/pWDKU>

² Conceito desenvolvido a partir da ideia de Paul Preciado de “máquina heterossexual” (2002). A máquina cissexual é a lembrança de que os corpos são compulsoriamente não apenas heterossexuais, mas, também, cisgêneros.

masculino” e do” real feminino”, criando novas formas de existirem, que vão para além dessa utopia binária..

A transfobia – desvalorização, desumanização e hostilização das pessoas transgêneras e seus corpos – é hoje a realidade de muitos indivíduos: travestis, por exemplo, têm expectativa de vida de 35 anos³. A questão, apesar de ter ganhado maior visibilidade devido à internet, ainda é muito polêmica e as travestis continuam sendo extremamente estigmatizadas. Muitos não têm pudor em xingarem travestis nas ruas, fetichizarem e negarem seu gênero. Thammy Gretchen é uma das pessoas trans com maior visibilidade no Brasil e diariamente, em suas redes sociais, é chamado de “mulher-macho” e de “abominação”. A transfobia se alastra e contamina todas as esferas da sociedade: mercado de trabalho, laços amorosos, relacionamentos sociais do dia a dia, representação midiática, entre outros.

Às pessoas transgêneras é negado espaço e representatividade em todos os meios artísticos e culturais. E quando há espaço, são quase sempre retratadas com viés cômico como se a performance de gênero dessas pessoas fosse algo grotesco, digno de chacota. Poucas conseguem papéis, mesmo quando o personagem é também transsexual.

Por outro lado, há uma tentativa, também, em unificar essas vivências, através de estereótipos de homens trans, de mulheres trans e de pessoas trans não binárias – essas que se identificam fora do binário de gênero. Dentro dessa lógica, todo homem trans almeja ser o mais masculino possível, toda mulher trans, o mais feminina e toda pessoa não binária, o mais andrógina. Dessa forma, existe uma cobrança social para que essas pessoas se encaixem dentro do padrão do gênero de identificação.

Assim, me junto aqui aos esforços de representar de forma múltipla e humanizadora diferentes realidades trans e dar voz à elas. Cada uma delas é única: nem todo homem trans pretende se hormonizar, usar roupas entendidas como masculinas e odiar maquiagem. Essas vozes precisam ser representadas para se sentirem parte da sociedade, mas também para desmitificar a transfobia, romper preconceitos e deixar evidente que o gênero é frágil, construído e atravancador.

A internet tem possibilitado o diálogo entre transgêneros. O *YouTube* contém um grande acervo de *vloggers* trans que documentam sua transição. A intenção é poder

³ Segundo o psicólogo social Pedro Sammarco, autor do livro *Travestis Envelhecem* (LUCON, 2015)

servir como referência para outros que passam por situação semelhante, mas não têm nenhuma informação sobre o assunto.

Female to Male (FTM) e Male to Female (MTF) são termos que surgiram no meio psiquiátrico para poder acabar com a confusão que faziam entre mulheres e homens transgêneros. Muitos *vloggers* transhomens usam esse termo – FTM – como “hashtag” dos vídeos, para que os internautas possam facilmente identificar que se trata de uma transmasculinidade. Esse título apresenta o “Female” (Fêmea) como sexo de origem, como se os indivíduos fossem naturalmente “fêmeas” quando nascem. E a passagem para o masculino seria uma decisão artificial, provida de hormonização e cirurgias. Trata-se de um discurso que ignora toda a artificialidade do sexo de designação e naturaliza-o. O nome do documentário tenta, com a troca do “Male” para “Me”, apresentar o “Female” como uma imposição e o “Me” como uma transição que não provém necessariamente de uma cirurgia ou processo de hormonização. O “Me” também traz a singularidade do indivíduo, lembrando que cada processo é único.

Female to Me é uma montagem de vídeos de quatro desses *vloggers* transmasculinos que, de muitas formas, marcaram meu processo de entendimento enquanto transgênero: Ryan Cassata é um cantor que não quer tomar testosterona, porque tem medo da mudança de voz, mas também porque gosta do seu corpo assim; Skylar tem grande visibilidade no *YouTube* e relata sistematicamente sua hormonização; TheshadyColemans é o canal de um casal gay composto por um homem trans e um cisgênero - que se identifica com o gênero designado - os dois criam uma filha pequena gerada por um deles; e por fim, o dono do canal Ferver Dreams For Pansies é uma pessoa transmasculina que ama maquiagem, brincos e peças ditas femininas, canta e podemos ver a transição da sua voz nos vídeos.

1.1 Contexto do Trabalho

Desde que me descobri como uma pessoa transmasculina, acompanho esses vídeos, já que tinha muitas dúvidas e, também, carecia de algo para me identificar. Não conhecia ninguém na mesma condição. Percebi como aqueles relatos foram e ainda são importantes para mim no meu processo de aceitação. Percebi, também, que cada pessoa trans é diferente, e não existe uma narrativa única para todas. Algumas amam seus

corpos, por exemplo, outras gostam de tudo que não é apropriado para o gênero de reconhecimento. Por isso, processos que buscam uma “prova” da transsexualidade e uma “essência trans” - como os necessários para conseguir laudos médicos – são muitas vezes ineficazes e os pacientes acabam tendo que driblar profissionais da saúde, fingindo estar dentro desse padrão. Até mesmo para os “acidentes da natureza”(Paul Preciado) existem padrões para serem seguidos. Da vontade de quebrar essas normas, surgiu *Female to Me*.

Queria juntar todos de uma forma que fosse interessante para mais pessoas assistirem, não somente aquelas interessadas pelo tema. Quis, também, montar colocando em diálogo aquelas histórias tão diferentes, mas também tão parecidas. Em que lugar elas se tocam? Se rompem? Se fortalecem? Há muitos pontos em que se enlaçam com a minha, se tornando, assim, uma forma de compô-la.

Escolhi canais americanos, porque eles existem em maior número e são os que eu mais acompanho. Os *vloggers* brasileiros existem em menor quantidade e poucos fogem da narrativa única, de que todo homem trans é masculino. A internet possibilita essa troca com diferentes lugares do globo, um brasileiro realizar um filme sobre norteamericanos só enfatiza isso.

1.2 Objetivo

Pretendo, através desse projeto, colocar em destaque a discussão sobre o tema tratado, exibindo o curta em festivais de cinema, universidades, escolas, canais de TV e na internet para ficar acessível a todas as pessoas trans que tem pouca referência de outros indivíduos em situação parecida.

O documentário *Female to Me* pretende humanizar pessoas trans aos olhos de uma sociedade que as endemoniza, salientando essas histórias tão diversas e aproximando o espectador desse universo. Busca trazer para o foco esses canais pessoais, deslocando-o do contexto *vlog* para ao contexto do curta-metragem, montando essas histórias, tornando-as mais acessíveis e identificáveis. O curta tenta expor rostos, dentro da noção de Emmanuel Levinas⁴ sobre o que seria um.

⁴ Emmanuel Levinas é um filósofo francês do século XX, citado por Judith Butler (2011)

Abordagem do rosto é o mais básico modo de responsabilidade... O rosto não está de frente pra mim (en face de moi), mas acima de mim. É o outro diante da morte, olhando através dela e a expondo. Segundo, o rosto é o outro que me pede para que não o deixe morrer só, como se o deixar seria se tornar cúmplice de sua morte. Portanto, o rosto diz a mim: não matarás⁵

1.3 Justificativa da Relevância

O documentário *Female to Me* tem a intenção de trazer representatividade para as transmasculinidades fugindo lugar de aberração que lhes é atribuído, e mostrando que aquelas pessoas, apesar de terem suas diferenças, tem muitos pontos e questões parecidas com o público.

A identificação sempre se baseia na diferença que busca superar, e seu propósito é alcançado apenas por meio da reintrodução da diferença que ela alega ter feito desaparecer. Aquele com quem me identifico não sou eu e esse “não sendo eu” é a condição da identificação. Caso contrário, como Jacqueline Rose nos lembra, a identificação rui, se perde na identidade, o que prenuncia a morte da própria identidade.”” Essa diferença interna à identificação é crucial e, em certo sentido, ela nos mostra que a desidentificação é parte da prática comum da própria identificação.

A potência da representatividade trans está nos laços e também nos atritos com as vidas cisnormativas.

No processo de entendimento radical de que as vidas trans merecem ser vividas, a identificação de um rosto nas identidades trans é importante para a inclusão e sobrevivência das mesmas, que morrem diariamente, devido ao preconceito. Como já afirmamos acima, as travestis/transsexuais tem expectativa de vida de 35 anos no Brasil e 90% delas vivem em situação marginal. Já os homens trans/transmasculinidades praticamente não existem em números. Existem poucas pesquisas sobre tais e poucos tem conhecimento da sua existência: são invisíveis. Muitos deles relatam em entrevistas que têm grande dificuldade para conseguir emprego, que sofrem diariamente com preconceitos, mas não existem dados suficientes para sabermos os números.

⁵ BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011,n.1, p.13-33.

Os *youtubers* FTM brasileiros são poucos. Apesar de muitos transmasculinos do país usarem dessa fonte para conseguir conhecimento, eles produzem muito pouco. Dessa forma, *FTMe* junta histórias de *youtubers* americanos, que têm grande influência no Brasil e no mundo.

As histórias são poucas e as que ganham visibilidade são muitas vezes histórias padrões. Quase sempre são retratados homens trans masculinos que pretendem passar pelo processo de hormonização e cirúrgico. *FTMe* mostra diferentes identidades trans, homens trans que tem uma aparência dentro do que é entendido como feminino, homens trans grávidos, homens trans que não pretendem se hormonizar. Dessa forma, podemos entender a diversidade do grupo, o que é um dos objetivos desse projeto. O filme além de tentar trazer visibilidade para o grupo, também pretende conscientizar quem assiste da legitimidade e da singularidade de cada narrativa transmasculina.

1.4 Organização do Relatório

O relatório descreve o processo de construção do curta documentário *FTMe*, contemplando a escolha do tema, a concepção do projeto, a fase de pesquisa e a fase de pós produção. Ao longo do relatório são apresentados tanto sucessos da produção quanto problemas que ficaram como aprendizado para futuros projetos.

1.5 O processo de pesquisa

O processo de pesquisa de *FTMe* envolveu diversos canais do YouTube. Já conhecia muitos deles, uma vez que eu mesmo os usei como fonte de conhecimento para meu próprio processo, enquanto transsexual.

Optei por *youtubers* diversos, quis corpos e histórias diferentes entre si, mas ao mesmo tempo que dialogassem. Procurei temas que fossem comuns dentro da comunidade, e procurei personagens que lidassem com eles de formas diferentes. Descobri personagens negros, brancos, velhos, jovens, dentro e fora do padrão de beleza vigente. Os principais temas encontrados foram a hormonização, os binders (faixas compressoras de seios), os medos, os pelos, as certezas e dúvidas e a sexualidade.

Esse capítulo vai tratar dos detalhes da fase de pré-produção do curta documentário desenvolvido, desde sua concepção e referências estéticas, passando pelo público alvo até questões práticas que envolvem a pré produção de um curta metragem documentário.

2.1 Concepção da Obra

A concepção do projeto surgiu do meu acompanhamento pessoal desses vídeos do Youtube que me ajudaram a concluir descoberta da transgeneridade. A partir daí decidi criar um projeto que reunisse algum daqueles vídeos que para mim foram tão importantes. Durante a pesquisa, busquei textos acadêmicos, mas também li e reli blogs e vlogs pessoais sobre o assunto.

Assim como que eu assistia os vlogs, o curta metragem foi feito de maneira bem solitária. Um equipe composta apenas por mim nesse momento de elaboração.

Não houve roteiro, já que é um documentário. Listei os temas e os personagens e tentei trabalhar a montagem a partir disso. Buscando formas que elas se entrelaçavam e formas que partiam por caminhos diferentes.

Houve dificuldade ao pensar em como aquelas vídeos dialogariam na tela. Optei por separar a tela e em quase todos os momentos rodar mais de um personagem. Assim, se aproximaria da forma que o Youtube apresenta os canais, eu muitas vezes me peguei vendo mais de um vlog ao mesmo tempo: aquelas histórias se comunicavam não apenas por meio da identificação entre elas.

2.2 Público-alvo

A princípio, o curta *FTMe* é direcionado à pessoas transmasculinas. São elas que entendem mais diretamente os personagens: suas dores, suas alegrias e acredito que terão mais empatia com eles.

Mas o filme também pretende atingir pessoas cisgêneros – que se identificam com o gênero designado no nascimento - para que consigam entender as transmasculinidades, não apenas como transmasculinidades, mas como rostos, como pessoas tão humanas e merecedoras da vida quanto qualquer outra. Para que possam refletir antes de serem coniventes com transfóbias.

A escolha dos diferentes tipos de personagens permite que outras minorias se identifiquem mais fortemente com eles. Uma gorda cisgênero, por exemplo, pode empatizar com questões de pessoas gordas transgênero que são retratadas no filme.

Em suma, FTMe pretende alcançar aqueles que de alguma forma vivem muitas das questões dos personagens, mas também aqueles que não tem ligação direta com o tema.

2.3 Infra-estrutura

Para a realização foi necessária uma ilha de edição e um HD. Eu, felizmente, trabalho com montagem e dispunha desses equipamentos.

Para captar os vídeos, encontrei um website que possibilita baixar playlist inteiras feitas no Youtube. Então, juntei esses vídeos e depois realizei o download nessa plataforma.

Para a edição foi utilizado o MacBook e o editor Premiere Pro.

2.4 Orçamento e Fontes de Financiamento

O filme foi pensado para gastar o mínimo possível e ser simples de executar, de forma que eu pudesse bancá-lo sozinho sem precisar de nenhum tipo de financiamento. Assim, todo o equipamento era pessoal e além do profissional sonoro que ainda realizará a edição de som, a equipe foi composta apenas por mim.

Posteriormente, quando inscreve-lo em festivais, precisarei de alguma verba para pagar as inscrições.

2.5 Planejamento e Organização da montagem

A pré-produção de fato se deu início em maio de 2016 com o conceito do filme já fechado. A primeira coisa que fiz foi juntar todos os canais de transmasculinidades que pudessem ser interessantes para o filme.

A escolha dos canais demorou um pouco mais do que o planejado, comecei a montar antes que tivesse certeza de todos os personagens. Já havia baixado e organizado alguns deles, mas durante a montagem que tive certeza dos que comporiam o projeto final.

A edição fluiu rapidamente depois de todo esse processo, já que eu conhecia bem o material editado e o programa usado. Mostrei o curta-metragem para muitos amigos da área e para Consuelo durante o processo, buscando a melhor forma de montá-lo. Tive um bom retorno e consegui realiza-lo com sucesso.

Como as entrevistas eram em inglês, demorei um tempo a mais para fazer a legenda do filme.

2.6 Definição da Equipe Técnica

O filme envolve majoritariamente montagem e pesquisa. Apesar da mensagem política e da tentativa de disseminar conhecimento sobre o assunto, é muito pessoal, então decidi que não teria equipe. Como sou montador, estou acostumado a passar muitas horas editando e achei que seria um bom processo pessoal trabalhar sozinho nesse documentário.

O som ainda não foi editado. Gustavo Ruggieri, um amigo que também é transexual e trabalha com som direto e edição, fará a mixagem de som. Além de admirar muito o seu trabalho, acredito que o tema o sensibilize de forma parecida.

2.7 Definição dos Personagens

Para a realização do filme foram escolhidos quatro canais de *YouTube* de personagens transmasculinos que relatam sua vivência. Listei cerca de 100 *vloggers* que

acompanho com os mais diversos tipos de experiências trans. Assistindo vários deles escolhi quatro, busquei pessoas carismáticas, que pudessem de alguma forma compor de forma singular a experiência da transsexualidade.

Procurei por aqueles que têm bastante conteúdo, para poder trabalhar com ele. A quantidade de vídeos em cada canal varia muito, alguns têm mais de cem vídeos, outros têm um ou dois.

A mídia muitas vezes retrata homens trans como se todos tivessem repulsa a elementos entendidos como femininos na sua performance de gênero, quisessem se harmonizar e realizar processos cirúrgicos, não quisessem engravidar, etc. Assim, busquei tanto na montagem, tanto na escolha do material bruto, retratar os personagens de forma bem singular. Na tentativa de mostrar as diferenças do mesmo processo.

Por fim, escolhi Skylar que me interessou por ter bastante conteúdo artístico em seu canal e documentar sua harmonização regularmente nos últimos seis anos; Ryan Cassata, um menino trans que não tem interesse em se harmonizar; *TheShadyColemans*, um canal de dois homens gays, no qual Kaden é transgênero e passou pela experiência da gravidez; e *FeverDreamsForYourPansies*, uma pessoa transmasculina com muitas características entendidas como femininas.

a) *Skylareleven*

Skylar é uma pessoa que passa e inspira muita confiança. O canal de *YouTube*, *skylareleven*, reúne uma grande quantidade de seguidores, mais de 100 mil. Sua transição é relatada desde o primeiro dia que injetou testosterona.

Skylar tem bastante apoio das pessoas ao seu redor, como sua mãe e sua namorada que aparecem recorrentemente em seus vídeos. Conta que sua mãe quis injetar as primeiras doses para ele.

O garoto expressa o que passa e passou com a transsexualidade de forma artística. Canta, toca violão e faz poemas. Seus textos falam das dificuldades e singularidades de cada processo: bullying no colégio, os preconceitos, as dúvidas, os desconfortos com o próprio corpo.

b) *RyanCassata*

Ryan Cassata em seu canal apresenta questões de homens trans que não se hormonizam. Ele aponta o preconceito dentro da própria comunidade trans e fora dela. Conta que quase sempre não é reconhecido como homem, e como aprendeu a lidar com isso. Ryan não quer tomar testosterona por vários motivos, um deles é o fato de querer manter sua voz. O garoto é cantor e gravou alguns álbuns com produtores renomeados, se passasse pelo processo de hormonização teria que registrar as músicas novamente.

Outra questão trazidas pelo, é a aceitação de diferentes tipos de pessoas trans. Em um dos seus vídeos, apresenta vários comportamentos dele mesmo que não são considerados “trans suficientes” para o próprio grupo, que assim como o resto da sociedade busca uma essência masculina.

C) *TheShadyColemans*

TheShadyColemans é um canal de *YouTube* de um casal homens negros - um transgênero, o outro cisgênero - que tem uma filha. Kaden que é o homem transgênero exibe nos vídeos como foi engravidar da sua filha, o preconceito, as perguntas nada amigáveis, a relação a filha, etc.

Os Colemans permitem a quebra de várias paradigmas. Homens podem engravidar! Gays podem parir! Pessoas com performance de gênero dissidentes podem ter uma família como outra qualquer!

D) *FeverDreamsForYourPansies*

FeverDreamsForYourPansies é o canal de uma pessoa que não releva seu nome. Me interessa muito o fato de ter sua hormonização relatada a partir de músicas que canta. Podemos ver a voz mudando e a barba crescendo a cada vídeo.

Me interessa também essa pessoa parecer uma menina cisgênero padrão antes da hormonização, o que não é comum no meio trans. Antes desse processo, os homens costumam parecer jovens garotos.

O dono do canal desabafa nos seus vídeos sobre como é ser uma pessoa transmasculina feminina. Depois do uso da testosterona, aparenta ser um homem cisgênero extremamente feminino, ele faz uso de maquiagem e brincos grandes.

3. Fase de Produção

A fase de produção do projeto diz respeito ao período de pesquisa dos personagens, levou cerca de dois dias.

3.1 Produção

A produção do *FTMe* não teve muitas complicações, já que consistia apenas na busca dos canais de *youtubers* e o *download* dos vídeos.

Posteriormente, terei que enviar para os cinco personagens – incluindo o marido de Kaden- termos de autorização de imagem para que o curta metragem possa circular por festivais. Escolhi fazer isso depois de ter o filme pronto para que eles pudessem conhecer exatamente o material que seriam vinculados.

4. Pós – Produção

Já que o filme não foi gravado, a maior parte dele é pós produção: a montagem.

4.1. Montagem e direção

Trabalho como editor profissionalmente, por isso esse processo de edição misturado com direção foi muito interessante.

Com a pesquisa já feita, organizei os personagens e comecei a realizar a primeira seleção do material bruto. A primeira dificuldade nesse processo foi escolher a forma de apresentação desses personagens, mas depois que a Consuelo me aconselhou dividir a tela, trazendo um sensação parecida com a que temos quando acessamos o *YouTube*, a montagem fluiu.

Tive a intenção de enlaçar os mesmos processos - hormonização, cirurgia, aceitação, etc.- às vivências diferentes dos personagens. Assim, busquei responder e abrir questões. Como cada um dos quatro protagonistas vivem a hormonização? Como cada um lida com seus desvios do normativo cis e do trans? Quais os medos durante o

processo? Cruzei os momentos, Ryan aponta as dificuldades da sua trajetória, enquanto o *youtuber* dono do canal *TheFeverDreamsForYourPansies* canta. Skylar recita um poema, enquanto imagens antigas dos outros inundam a tela. A proposta é pontencializar os pontos em comum. Talvez seja algo mais subjetivo do que imaginamos, não é fato de serem transexuais que os aproximam, apenas.

4.2 Desenho de Som e Colorização

Até o presente momento não foi finalizado o desenho de som e filme, porém pretende-se concluir esta etapa até o final do segundo semestre de 2016. *FTMe* terá um trabalho de desenho de som delicado, pois os vídeos foram gravados de formas e qualidades das mais diversas. Assim, o objetivo do desenho de som não será apagar essas diferenças, não me interessa perder a singularidade de cada canal, mas sim criar uma unidade no filme para ser viável assisti-lo.

Decidi não realizar colorização para não perder as peculiaridades de cada canal. Alguns vídeos são de 7 anos atrás e alguns deles optam por filtros de cor. Acredito que alterar essas nuances pode causar alguma perda estética importante àquelas histórias.

4.3 Distribuição e Exibição

Assim que os personagens liberarem a utilização das suas imagens - provavelmente não haverá problemas, posto que o material já está disponível no *YouTube* - inscreverei o filme em festivais.

Não pretendo concorrer a festivais que peçam uma verba alta, já que é um filme de baixo orçamento, mas *FTMe* estará em todos que eu disponibilizar da quantia necessária.

5 Considerações Finais

Female To Me é uma busca de representatividade política e cultural, mas é também uma viagem pessoal pela minha própria trajetória. Sou um desses personagens, contar essas histórias é narrar a minha própria. Me emociono com as poesias de Skylar, com as cantorias do administrador do canal *TheFeverDreamsForYourPansies*, com a gravidez de Kaden, e com a atitude de Ryan. Compartilho das suas dores e angústias, mas também dos alívios e confortos que ser sincero com você mesmo possibilita.

Apesar de o meio do cinema ser, a princípio, aberto a diferenças, já me foram negados trabalhos por causa da minha transgeneriedade. Exibir os talentos das pessoas trans e mostrar seus rostos é também uma reação a esses preconceitos que sofri, que sofremos todos os dias. Realizar o projeto é, também, provar que o fato de eu ser trans não influencia na minha eficiência enquanto profissional, e mostrar para outras pessoas trans que apesar de termos poucas notícias de outros de nós ocupando importantes espaços, podemos inaugura-los.

Fico muito feliz com o resultado dessa jornada tanto pessoal, quanto fílmica. Espero que o curta metragem possa atingir outros, assim como esses *vloggers* me tocaram.

Apesar de algumas adversidades na sua estrutura, cresci muito como profissional nesse tempo que cursei a UFRJ. Tive encontros maravilhosos e determinantes para minha personalidade, sou muito grato à universidade. Espero que ela continue formando indivíduos com a mesma sensibilidade.

REFERÊNCIAS

1. Versão em língua portuguesa originalmente publicado em: PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Original publicado em 2002. PRECIADO, Beatriz. Madrid. Opera Prima. 2002. Disponível em: <http://migre.me/pWDKU>

2. BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011,n.1, p.13-33.
3. LUCON, Neto, “Expectativa de vida de travestis é de 35 anos, mas deve aumentar”, afirma psicólogo social. Disponível em:<<http://www.nlucon.com/2015/02/expectativa-de-vida-de-travestis-e-de.html>>. Acesso em: coloque a data de acesso: 10 de julho de 2016.